

REVISTA ADVENTISTA

FEVEREIRO DE 1967

LEITURAS PARA A

SEMANA DE ORAÇÃO

M. V.

18 a 25 de Março

ANO XXVIII N.º 245

Dia do Lar Cristão

É no dia 18 deste mês de Fevereiro— Dia do Lar Cristão, e Altar da Família — que, de acordo com o nosso Calendário para este ano — se inicia a Semana do Lar Cristão.

Merece a pena recordar algumas das verdades básicas, divinamente consignadas na Palavra de Deus e devidamente iluminadas pelo Espírito de Profecia, a propósito da importância e da sublimidade do lar cristão.

Os nossos lares, aqui, agora, na terra são-nos concedidos como tantas outras possibilidades para nos prepararmos para o lar celestial que o nosso Divino Salvador nos foi preparar.

Será interessante, decerto, recordar, o que foi a vida do primeiro lar cristão — o lar edênico dos nossos primeiros pais, enquanto a desobediência não entrou a matá-lo.

Em primeiro lugar, o lar edênico recebia a visita de Deus, do Senhor Jesus e dos seus anjos. «Aquilo que apreciavam mais que todas as outras bênçãos, era a companhia do Filho de Deus e dos anjos celestiais, pois que muito tinham a relatar-lho, em cada visita...» (Test. Selectos v. 2, pág. 30 e segs.). Que momentos deliciosos não passavam, ali, com a visita de Jesus e dos anjos!...

Hoje, também nós podemos sentir a visita de Jesus, em nossas casas; temos sempre conosco

a Palavra de Deus; temos obrigação de a ler, de a meditar e de a viver. Se assim fizermos, também sentiremos a visita de Jesus.

Mas recordemos, também, o primeiro dia de vida dos nossos primeiros pais. Em cinco dias, preparara Deus o palácio que o homem ia habitar.

No sexto dia, Deus criou o homem, quando o Sol ia a tramontar no horizonte «havendo Deus acabado no sétimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou, porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera». (Gênesis 2:2,3). Adão e Eva iam entrar, com transportes de alegria e de gratidão, nas bênçãos do Sábado, que Deus ia santificar. Assim passaram, em ações de graças o seu primeiro sábado, abençoado e santificado por Deus, para que servisse de memorial ao homem, por toda a eternidade.

Habitue-mo-nos, desde já, a viver aquela mesma vida de amor e de louvor a Deus que depois viveremos na Pátria celestial, quando o Senhor Jesus voltar, em glória, a buscar os seus, como prometeu e que seja dentro em breve, como firmemente esperamos.

A. CASACA

SUMÁRIO

Dia do Lar Cristão
Eu conheço o poder da Oração
«A única solução: Cristo»
Cristo, a Vida
Cristo, a Palavra
Cristo, o Criador
Cristo, o Profeta
Cristo, o Advogado
Cristo, a Vitória
Escola Sabatina

FEVEREIRO DE 1967

ANO XXVIII N.º 245

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EU CONHEÇO

O PODER DA ORAÇÃO

A eficácia da oração não é apenas uma questão de crença para mim. Conheço o valor da oração. Sei o que podem fazer os corações que oram.

Quando caí doente com um ataque de coração em Julho de 1955, milhares de homens e mulheres de todos os cantos da nação escreveram-me dizendo que estavam a orar pelo meu restabelecimento.

Algumas destas comunicações vieram de amigos de longa data. Outras vieram de pessoas que tinha encontrado casualmente através de um período de vários anos. Muitas eram escritas por indivíduos que nunca tinha conhecido e que, a mim, me parecia não me conhecerem.

Enquanto a minha mulher me lia estas cartas, e quando mais tarde fui capaz de lê-las por mim mesmo, podia sentir claramente que ganhava força de espírito e de corpo.

«Estamos a orar por si», escreviam-me estas admiráveis pessoas — e eu sem dúvida melhorei.

Desde então tenho desejado mil vezes que todos saibam o que fizeram por mim e pelos membros da minha família, pois eles, beneficiaram também das orações destes amigos, conhecidos e desconhecidos.

Crer na oração pode ser para alguns uma questão de fé. E assim é. Para mim, contudo, é também uma questão de conhecimento certo e seguro.

Sei o que as orações de outras pessoas fizeram por mim. Nada existe mais poderoso do que a oração. Não existe maior fonte de nova força e de nova coragem do que a comunhão diária com o Ser Supremo.

Por Lyndon B. Johnson
Presidente dos Estados Unidos
da América do Norte

Dia da Educação e oferta para o Seminário de Collonges

25 de Fevereiro de 1967.

Ao lembrarmos este dia especial, transcrevemos do livro «Educação», pág. 13, o que diz a serva do Senhor: «A verdadeira educação significa mais do que a prossecução para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.»

O Senhor nosso Deus através da pena inspirada da sua mensageira deu-nos as normas seguríssimas para que a sua Igreja possa e saiba educar os seus membros.

Oremos, mais fervorosamente, neste dia 25 de Fevereiro, dedicado à Educação, para que se nos depare a possibilidade de abrir a nossa Escola Secundária e Missionária, pois de ano para ano se salienta, cada vez mais, a premente necessidade de podermos ministrar aos nossos filhos, de nossos prezados Irmãos, Amigos e Simpatizantes, a verdadeira Educação, de acordo com a definição que nos dá o Espírito de Profecia.

Em toda a nossa Divisão será levantada uma oferta especial neste dia, que se destina à formação de uma nova biblioteca, em Collonges, tão necessária à preparação de obreiros para o desenvolvimento e terminação da obra.

Que o Senhor toque o coração de cada um de nós, a fim de que esta oferta seja o mais liberal possível.

A. C.

«A única solução: Cristo»

Por E. L. Minchin

Nestes tempos de desequilíbrio e desordem, temos necessidade de Deus. A despeito da prosperidade material sem paralelo e das fantásticas descobertas científicas, os homens não são felizes. Medo, ódio, inquietação, rebelião, são as características principais da nossa época. Mesmo entre jovens que se professam cristãos há muitos que se sentem inseguros, indecisos, sem fé. As suas vidas não têm nem finalidade nem direcção.

«Os últimos dias» são mencionados desde o primeiro ao derradeiro dos sessenta e seis livros que compõem a Bíblia. Estes dias referem-se ao ponto culminante da história da humanidade. Daqueles dias falou assim nosso Senhor: «E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas.» (Lucas 21:25,26).

Se já houve um tempo na nossa história em que «as virtudes do céu» foram abaladas, esse tempo é agora.

Nesta passagem há duas palavras gregas muito significativas. A primeira é *sunoche*, «angústia». A segunda é *aporia*, «perplexidade». *Sunoche* realmente quer dizer: «sentir pressão de todos os lados». O que Jesus está verdadeiramente a dizer, é que haverá uma geração de homens que se sentirão apertados, acossados por todos os lados. Hoje, como nunca antes, esta profecia está a cumprir-se. As forças do mal estão a fechar o cerco. Estamos verdadeiramente cercados por todos os lados. Não há lugar algum na terra onde não existam contendas, tumultos, revoluções, marchas e rebeliões em que estudantes e jovens tomam a chefia.

Na frente internacional, a pressão aumenta em cada canto do globo: Vietnam, Rodésia, República Dominicana, Cuba, Gana, etc. A pressão continua a subir, e conti-

nuamente, de lugares diferentes. O presidente dos Estados Unidos da América do Norte, John Kennedy, declarou certa vez: «Em cada dia que passa, as crises multiplicam-se. Cada dia, a solução torna-se mais difícil. Cada dia nos aproximamos mais da hora de perigo máximo».

Sentimos a pressão demográfica. A população do mundo aumenta rapidamente. Os três biliões de homens e mulheres que existem agora, serão dentro de trinta e seis anos, se o tempo durar, seis biliões. Hoje, mais de metade da população do globo tem menos de vinte e um anos de idade. A explosão populacional causa grande ansiedade entre aqueles que pensam e meditam nos problemas que nos oprimem.

Sentimos a pressão dos costumes corrompidos. Artigos recentes em vários jornais descrevem a imoralidade crescente nos Estados Unidos. O historiador Arthur Toynbee chegou à conclusão de que todas as civilizações anteriores caíram quando atingiram o grau de imoralidade já atingido na América. Divórcio e imoralidade continuam a aumentar em escala alarmante. É uma sociedade obcecada sexualmente e saturada cada ano por milhões de livros e fotografias pornográficas que vão aviltando as mentes de velhos e novos. A tão decantada «moralidade nova» não é mais do que a «velha imoralidade» condenada pela palavra de Deus. Se já alguma vez necessitámos de uma renovação dos costumes, nunca o necessitámos tanto como hoje.

Estamos cercados por problemas sociais. Há pouco tempo, numa cidade americana, morreram num incêndio doze pessoas que viviam todas num só quarto. E os Estados Unidos são a nação mais rica do mundo.

Estamos cercados por problemas raciais. Estes problemas não serão resolvidos nas ruas ou nas câmaras legislativas, mas espiritualmente nos corações dos homens e mulheres.

Sem saída

Muitos escritores modernos sem filiação religiosa, têm descrito a nossa sociedade como cheia de indecisão, confusão e desorientação, assustada, insegura, desesperada. O maior filósofo francês actual, Jean-Paul Sartre, disse que «não há saída para o dilema do homem».

Estamos cercados psicologicamente. Metade das camas dos hospitais americanos estão ocupadas por pacientes sofrendo de doenças mentais. O sentimento de culpa produzido pelo pecado, os problemas domésticos, de negócios, de saúde e os problemas de ordem pessoal, afectam as mentes dos homens. Eles sentem o desejo de vociferar contra a vida. Jesus empregou a palavra grega *aporia*, traduzida como «perplexidade» na nossa Bíblia. No original grego, contudo, esta palavra significa «sem saída». O que Jesus disse foi que chegaria um tempo na história dos homens em que eles se sentiriam cercados e apertados por todos os lados e que, do ponto de vista meramente humano, não haveria saída alguma.

No meio de todas estas circunstâncias, existe, contudo, em milhões de corações a realização da miséria íntima. Sob a camada de sufisticação que cobre as vidas de muitas pessoas que nos rodeiam há o desapontamento e a solidão. Através da escuridão das suas almas, elas procuram atingir qualquer coisa que lhes dê sentido e finalidade às suas vidas. Um sentimento de futilidade e de insegurança e o medo do futuro assalta o coração de velhos e novos. O anelo das suas almas não recebe satisfação. O psicólogo Carl Jung, declarou que a neurose central do nosso tempo é o vazio. As suas palavras são hoje mais verdadeiras do que nunca. No meio da nossa prosperidade esquecemo-nos de Deus. Trabalhamos incansavelmente para melhorar as nossas condições materiais, mas esquecemo-nos das pala-

vas de Cristo: «Nem só de pão viverá o homem».

Por vezes o desapontamento e futilidade tornam-se insuportáveis, a tal ponto que, muitos há que os tornam públicos. O *Times* de Londres, um dos jornais mais conservativos e menos impressionáveis, tem na página da frente uma coluna para anúncios e notícias de carácter pessoal. Mas é somente na página três ou quatro que o leitor recebe novidades interessantes. Ler estes anúncios pessoais é uma experiência reveladora. Recentemente um desses anúncios rezava: «O que quer que seja, não importa onde. Duas raparigas saturadas de Londres, de vinte e poucos anos, desejam ocupação interessante. Possuem carro. Falam francês, alemão e italiano. Sabem estenografia. Cozinham bem. Tirem-nos para fora de Londres, por favor!»

Um outro anúncio dizia: «Rapariga jovem e empreendedora, cheia de entusiasmo e de ideias, estaria interessada numa ocupação em que pudesse utilizar a sua iniciativa, encontrar-se com outras pessoas, possivelmente viajar, sobretudo, não ter que enfrentar as mesmas quatro paredes todos os dias».

Num outro ainda podia ler-se: «Dois comerciantes, de quarenta e poucos anos, saturados. Procuram experiência mais satisfatória do que a que nos proporciona a corrida desenfreada da vida. Há alguém com ideias sobre o assunto? Se assim for, escreva para o Apartado...».

Eis aqui alguns dos desapontamentos e conflitos dos quais muitos tentam em vão escapar. Há muitas pessoas que anseiam viver uma vida com um sentido mais profundo mas que não sabem como encontrá-lo.

No seu desespero, os homens procuram escapar ao vazio e então voltam-se para o dinheiro, a fama, o álcool, os narcóticos, a sensualidade e mil prazeres. Apesar de tudo, o sentimento de que necessitam qualquer coisa diferente e que não sabem o que é, torna-se mais profundo, mais desesperado.

Esperança para os homens

Haverá uma saída? Haverá esperança para a humanidade? Graças a Deus, há uma, e uma só. É o

caminho que, aparentemente, recusamos tomar. Ao contemplar o dilema do mundo, Jesus Cristo, o Filho de Deus, declarou-se a única saída. «Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim» (João 14:6). Os homens procuram uma saída para o desespero e a desilusão em mil caminhos diferentes. Os ministros dos governos correm de país para país procurando negociar tratados que assegurem paz ao mundo. Jesus disse: «No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo» (João 15:13). Damos graças a Deus pela esperança que temos através de Cristo. Ele é o único que possui o remédio para os males deste mundo. Somente Ele pode fazer o que nenhum outro dirigente religioso ou professor ou sistema ou governo pode: transformar a natureza do homem, perdoar os seus pecados e redimi-lo. Ele é o próprio Filho de Deus, conhecendo e revelando Deus como nenhum outro (Mateus 11:27).

A fé cristã não está baseada sobre um punhado de ideias mas sobre uma muralha inexpugnável de factos, o mais importante dos quais é «que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores» (1 Tim. 1:15).

Acima do barulho e da confusão deste mundo, ouve-se a Sua voz: «Eu sou o caminho» (João 14:16). «Aprende de mim» (Mat. 11:29). «Vinde a mim» (Mat. 11:28). «Vinde após mim» (Mat. 4:19).

Necessitamos uma geração de jovens que conheçam Cristo, que tenham por Ele uma devoção profunda, e que tenham feito paz com Deus através do Seu sacrifício expiatório. Necessitamos uma geração de jovens que ponham as coisas espirituais acima das materiais, o eterno acima do transitório. Necessitamos de uma grande renovação moral e espiritual que insuffle ímpeto santo na igreja, de nação em nação, a fim de que recebamos o poder espiritual e moral necessário para resistir às forças do mal, às opressões devastadoras que nos envolvem e ainda para proclamar o glorioso Evangelho de Jesus Cristo em termos da sua última mensagem para esta geração.

Como podemos nós e a nossa geração ser postos em contacto com

tal sabedoria e experiência? Como voltar para Deus e para uma vida de paz radiosa e de santidade sem mácula? Só pelo caminho da cruz de Cristo, com a sua mensagem de amor redentor. Os inumeráveis milhões de pessoas que têm feito esta experiência de perdão, paz e pureza através dos tempos,

«Atribuem ao Cordeiro a vitória E o triunfo à sua morte.»

Escutemos a inspirada mensagem do apóstolo Paulo: «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo» (Romanos 5:1). Uma tal afinidade deve realizar-se ao nível pessoal. A igreja é apenas tão forte quanto o são individualmente cada membro. Como entra a alma dentro de uma experiência cristã deste género? Somos diferentes pela raça, instrução, cultura, temperamento, todavia, «ele é que forma o coração de todos eles» (Salmo 33:15). Essencialmente, a alma é igual em cada homem, e toda esta experiência é realizável através do mesmo Espírito Santo de Deus.

Compreendendo a necessidade

Primeiramente, deve haver a compreensão da nossa necessidade. A vida religiosa começa, sem excepção, com um sentimento de necessidade. Pode ser apenas o sentimento da necessidade de Deus, ou então o desejo de maior pureza e simplicidade de vida. Quantas vezes encontramos jovens que estão perplexos com a presença do pecado no mundo, ou preocupados com os seus próprios maus pensamentos? Pode ser apenas descontentamento com o que é ordinário, trivial e secular à nossa volta, ou apenas o desejo ardente de uma vida mais profunda, verdadeira e nobre. Por vezes encontramos alguém com um carácter cristão tão belo e cuja paz interior e radiante personalidade, nos censuram e cativam. Por vezes Deus nos fala através de um desgosto repentino, ou pode ser que qualquer pecado ou hábito secreto ou qualquer acto repentino e odioso, despertem em nós o sentimento da nossa necessidade e encham-nos de vergonha. Pode ser que uma paixão má continui a revelar-se apesar de

toda a repressão, trazendo consigo um sentimento de fraqueza e de incapacidade. O Espírito de Deus fala-nos de todas estas maneiras. Tenha coragem, amigo. Este é o começo de qualquer coisa de melhor na sua vida religiosa.

Satisfazendo a necessidade

O segundo movimento na direcção de Deus é o esforço para satisfazer aquela necessidade. Tragicamente alguns já o perderam; outros abafaram-no e foram arrastados à mercê do vento para o mundo, sem esperança e sem Deus. Desprezaram as instigações do Espírito Santo, e Deus tornou-se irreal e muito distante para eles. Na maioria de nós, contudo, existe a vontade para satisfazer aquela necessidade. Muitas vezes, hábitos maus são vencidos, lugares de perigo são evitados e nós começamos a orar, a ir à igreja e a ler a Palavra de Deus, e uma nova seriedade é presenciada na vida.

Algumas das páginas mais tristes da história religiosa falam-nos daqueles que tentaram satisfazer o sentimento da sua necessidade com peregrinações custosas, sacrifícios cruéis e sofrimento imposto sobre si mesmos. Voltar a face para Deus não significa ajoelhar aos Seus pés. Existe apenas um lugar onde o pecador pode encontrar alívio para o

fardo do pecado e remédio para o sentimento de culpa, de remorso e fracasso: é aos pés da Cruz.

«Sem a cruz não teria o homem nenhuma união com o Pai. Dela depende toda a nossa esperança. Daí brilha a luz do amor do Salvador; e quando ao pé da cruz o pecador contempla Aquele que morreu para salvá-lo, pode rejubilar-se com grande alegria, pois os seus pecados estão perdoados. Ao ajoelhar-se com fé junto à cruz, alcançou ele o mais alto lugar que o homem pode atingir.» *Actos dos Apóstolos*, pág. 210.

É junto da cruz que Cristo nos fala, é lá que Ele se encontra conosco. Aqui é que Ele invadiu a história da humanidade. Ele era Deus morrendo no nosso lugar, tomando sobre si os nossos pecados. Não traremos nós o relatório que nos denuncia, o nosso sentimento de pecado e culpa e de separação de Deus ao único lugar onde podemos encontrar perdão e paz?

Lilian Roth declara no seu livro *Chorarei amanhã* («I'll Cry Tomorrow») que ela não foi capaz de se desembaraçar do álcool enquanto não se dispôs a gritar: «Preciso de ajuda». Praza a Deus que, todos os que ouvirem esta mensagem, estejam dispostos a dizer: «Preciso de Deus». Este é o primeiro passo na direcção do Seu reino, é o primeiro passo para nos desembaraçarmos

das opressões que nos cercam de todos os lados, para uma vida rica e satisfatória. Depois, tendo sentido a nossa necessidade, voltemo-nos pela fé para a cruz de nosso Senhor onde aquela necessidade é satisfeita. Cristo não somente nos indica o caminho; Ele é o caminho.

Em seguida, rendendo-nos alegre e constantemente a Ele e pela presença do seu Espírito em nós, teremos poder para obedecer-lhe e para andarmos nos Seus caminhos. Alegrem-se tomaremos a nossa cruz e segui-Lo-emos em todas as facetas da nossa vida de todos os dias.

Sim, há uma saída, graças a Deus. É o caminho que tomaram os nossos pais espirituais. É o caminho que descobriram todos os jovens testemunhas de Cristo. É o caminho que temos de seguir hoje.

Possa a nossa fé fortalecer-se, os nossos votos renovados, os nossos pés voltados, uma vez mais, para aquela senda brilhante que leva à vida abundante e ao abençoado reino de Deus. Ajoelhem-nos uma vez mais aos pés da Sua cruz e encontraremos a paz de Deus e a esperança da vida eterna.

Glorio-me na cruz de Cristo, Sobranceira às ruínas do tempo; Toda a luz da história sagrada Converte para a sua figura sublime.

— Sir John Bowring.

Domingo, 19 de Março

Cristo, a Verdade

Por Robert H. Pierson

Durante vários anos tem havido inimizade entre duas grandes tribos num dos países africanos. Chamam-lhe-emos os Bibungas e os Sibongos, se bem que, evidentemente, estes não sejam os seus verdadeiros nomes. Durante os primeiros anos desta década, desencadearam-se frequentes manifestações de violência entre estas duas tribos. Houve espancamentos e mortes. Milhares de casas foram queimadas e sofrimento e ódio indizíveis foram o resultado.

Certo dia, quando a contenda estava no auge, Magwenya, um mestre-escola adventista que pertencia à tribo dos Bibungas, caminhava através da montanha a fim de ir visitar um amigo. Numa curva do caminho pedregoso deparou-se-lhe a seguinte cena: um grupo de homens da sua tribo espancava um homem pertencente à tribo dos Sibongos. Chamam-lhe-emos Lutasi. Lutasi tinha sido bastante maltratado. Os seus inimigos tinham-lhe

batido com os punhos, com paus e com clavas. Quando Magwenya chegou ao local, o pobre Lutasi estava caído no chão, incapaz de resistir mais tempo. Apesar disso, os Bibungas continuavam a espancá-lo.

— Porque estão a bater nesse homem? — perguntou Magwenya, quando reparou na gravidade da situação.

— É um Sibongo; deve morrer! — disseram os atacantes com raiva.

Magwenya não conhecia Lutasi, mas intercedeu por ele junto dos do seu povo. O seu pedido, porém, só aumentou a fúria dos atacantes. O jovem adventista, compreendendo que Lutasi podia em breve morrer, abriu caminho por entre os assaltantes e deitou-se sobre o infeliz Sibongo protegendo-o com o seu próprio corpo.

Espantados de que um dos seus protegesse um inimigo da tribo, os Bibungas cessaram de bater e começaram a ameaçar.

— Sai daí! Sai daí — exigiram.

Magwenya recusou mover-se.

— Se insistes em proteger esse porco de Sibongo, nós pegaremos na tua vaca e matá-la-emos — ameaçaram os raivosos Bibungas.

Quando esta ameaça não surtiu efeito, eles afastaram-se rapidamente a fim de cumprirem o seu projecto de vingança. Os Bibungas apoderaram-se da vaca de Magwenya e abateram-na.

Magwenya transportou o ferido para a sua própria casa, onde cuidou e tratou dele até que se restaurou.

Que acto de heroísmo! Que ilustração de amor desinteressado! Que cumprimento, vívido e moderno, da exortação do Salvador: «Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis» (João 13:34).

Jesus veio a este mundo para nos mostrar a verdadeira vida. Ele não veio apenas para ensinar a verdade, ele era a verdade. Muitos homens têm ensinado a verdade, mas somente Jesus pôde dizer: «Eu sou... a verdade» (João 14:6). O caminho de Jesus era um caminho de obediência à verdade. «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor (João 15:10). A guarda dos mandamentos é o caminho da verdade. A guarda dos mandamentos é também o caminho do amor. «Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nele e em vós; porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia. Aquele que diz que está na luz, e aborrece a seu irmão, até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz e nele

não há escândalo. Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir: porque as trevas lhe cegaram os olhos». I João 2:8-11.

O novo mandamento

O «novo mandamento» do Mestre foi dado aos discípulos quando Ele acabara de lhes lavar os pés, logo a seguir à Santa Ceia. Jesus ia deixar os seus colaboradores dentro de pouco tempo. Ele desejou ardentemente vê-los ligados uns aos outros pelos laços de uma nova força. Essa nova força ia ser um novo amor.

Quando Jesus disse: «Um novo mandamento vos dou», Ele não estava a substituir os Dez Mandamentos que Ele tinha dado ao Seu povo no Monte Sinai. Jesus tinha já dito claramente, no começo do Seu ministério: «Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar mas cumprir.» Mat. 5:17. O novo mandamento era apenas uma nova apresentação dos Dez Mandamentos.

Os chefes do tempo de Cristo tinham formulado muitas teorias detalhadas sobre o Decálogo. Tinham declarado que havia 284 preceitos positivos nos Dez Mandamentos, tantos quantos os membros do corpo humano. Insistiam também que havia 365 preceitos negativos na lei, tantos quantos os dias do ano. Ao adicionarem estes dois números chegaram à espantosa descoberta que eles somavam exactamente o número de letras contidas nos Dez Mandamentos!

Eles tinham classificado estes numerosos preceitos e adicionado as suas interpretações a cada um deles, de tal maneira que o povo gemia sob o fardo dos ritos cerimoniais que lhe eram impostos.

O propósito de Jesus era de libertar os Dez Mandamentos destas adições humanas. Ele queria que todos vissem que se O amassem com um amor profundo e permanente, seriam constringidos a guardar os Seus mandamentos. Este novo conceito era o Seu novo mandamento, como Ele lhe chamou.

A medida do novo amor foi claramente indicada pelo Salvador: «Como eu vos amei a vós». O amor

de Cristo pode somente ser avaliado aos pés da Cruz, onde o Filho de Deus se deu voluntariamente por um mundo pecador. A humanidade nunca testemunhara amor como este. Este amor deu lugar a um novo mandamento. Se armarmos aos outros como Jesus nos amou a nós, o nosso amor será suficientemente grande para que estejamos dispostos a dar a nossa vida pelos outros. Uma lei perfeita requer um amor também perfeito.

Amar aos outros — o novo mandamento de Cristo — porá nos nossos corações um ardor, novo e sincero que abaterá as barreiras que possam existir entre nós e eles. Conta-se que foi encontrado, certa vez, um garoto, sujo e doente, numa das ruas de uma grande cidade, sendo levado para o hospital, onde foi tratado por uma enfermeira cristã. Ele nunca tinha recebido tantas atenções e carinho. Isto impressionou-o em extremo.

— Eu gosto de si — disse ele à sua bondosa enfermeira certo dia.

— Eu amo-te — disse a enfermeira.

O miúdo olhou para ela surpreso e perguntou:

— O que quer dizer *amo*?

A enfermeira não sabendo exactamente como responder, simplesmente pegou no menino ao colo e apertou-o contra si.

O garoto ficou um momento com a respiração entrecortada e, depois, ao sentir dentro de si o calor desta demonstração de carinho, disse:

— Eu gosto de *amo*.

Todos nós devíamos gostar desta espécie de amor cristão, o qual devia governar todas as nossas relações com aqueles que encontramos. Este amor de que falo «não anseia impressionar nem acaricia idéias afectadas acerca da sua importância. O amor possui boas maneiras e não busca o seu próprio bem. Não é susceptível. Não faz caso da maldade nem se regozija com a iniquidade alheia. Ao contrário, sente-se feliz com todos os homens quando a verdade prevalece.» I Cor. 13:4-6. (Versão de Phillips).

Que maravilhoso lugar seria este mundo se o amor que Jesus realçou no Seu novo mandamento nos possuísse completamente!

O novo mandamento inclui o amor dos inimigos assim como dos

amigos. Jesus já antes tinha exortado os seus seguidores: «Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.» Mat. 5:43,44. É próprio do homem amar a quem o ama, mas é próprio de Deus amar a quem o odeia. O novo mandamento inclui amar os inimigos assim como também os amigos. Deve ser um amor tal como o manifestado por Magwenya por membros de uma tribo inimiga.

Este novo mandamento do amor destruirá para sempre todas as muralhas nacionais ou raciais. Despedaçará, sem possibilidade de reconstrução todas as barreiras de raça ou cor. A posição social ou a pedantaria não podem ter lugar na vida dos verdadeiros discípulos de Cristo. Tudo isto derreter-se-á sob os raios quentes do amor mútuo. Aqueles que presenciaram o amor fraternal dos primeiros cristãos maravilharam-se: «O vosso Mestre fez-vos a todos irmãos».

Quando este novo mandamento ocupar o lugar a que tem direito nos nossos corações, nós desejaremos falar sobre isso com todos aqueles que nos rodeiam. Conta-se que uma menina, a quem não tinham permitido visitar um amigui-

nho doente antes de ele estar quase bom, reparou que ele se tinha sentido um pouco abandonado por ela, quando finalmente o visitou.

— Bem — explicou a menina — enviei-te sempre o meu carinho todos os dias, mas parece-me que os adultos guardaram-no todo para eles próprios.

Não devemos guardar para nós mesmos o amor que é como o amor de Jesus. Com efeito, não seremos capazes de o guardar para nós mesmos. Seremos constrangidos por uma compaixão interior a partilhá-lo com outros. Que experiência gloriosa deve ser essa!

Serviço

Este novo mandamento far-nos-á sair em serviço pelos outros. Desejaremos ajudar os outros de qualquer modo que for possível. Este amor estava no coração de Rachel Rose, uma menina do Sul da Índia. Rachel Rose estudou na academia adventista de Prakasapuram no distrito de Tinnevelley. Casada havia pouco tempo, teve notícias da grande necessidade de um professor para a escola primária adventista de Pulipanam, uma vila situada a cerca de 9 quilómetros do local onde vivia. Os crentes de Pulipanam eram muito pobres. Tinham pouco ou nenhum dinheiro para pagar um

professor, mas prometiam partilhar com quem os viesse ajudar a sua colheita de cassava.

Rachel Rose não era fisicamente bem constituída, mas dispôs-se a andar aqueles 18 quilómetros todos os dias. Trabalhou muito e com afinco. Fez um bom trabalho, mas o seu corpo não pôde suportar a tarefa que ela tinha imposto sobre ele. Contrainy tuberculose e morreu pouco tempo depois. Rachel Rose conhecia o que o mandamento do Salvador requeria. Ela amou como Jesus amou. Ela serviu com toda a sua alma e corpo.

Vós e eu não poderemos amar aos outros como Jesus amou, enquanto não tivermos aprendido a amá-Lo sobre todas as coisas. O amor de Cristo tem que preceder o verdadeiro amor pelos outros. E isto é uma coisa bastante fácil de fazer. Quando nos compenetrarmos do muito que o Salvador tem feito por cada um de nós, de certo responderemos, entregando-lhe os nossos corações.

Não nos decidiremos, agora mesmo, a permitir que Jesus entre e ocupe o primeiro lugar nas nossas vidas? Quando Ele entrar em nós, em toda a Sua plenitude, trará consigo o Seu novo mandamento, o mandamento do amor. Então, e só então, seremos nós capazes de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou a nós. Não querem tomar esta decisão agora mesmo?

Segunda-feira, 20 de Março

Cristo, a Vida

Por Roy Allan Anderson

— Obrigado por me ter salvo a vida.

Baxter olhou para o seu salvador o qual estava debruçado sobre ele.

Tudo tinha acontecido rapidamente. Um miúdo brincava no molhe, perto do campo de verão, onde ele e a sua família se encontravam. Repentinamente, escorregou e caiu dentro da água profunda. Gritou ao cair, porque não sabia nadar. Tendo ouvido o grito de socorro, um ho-

mem bem vestido tirou o casaco e mergulhou no lago. Bom nadador, em breve trouxe o miúdo, que se debatia, para a praia.

Dentro de poucos minutos, todo o acampamento se encontrava à beira do lago, ajudando o miúdo inconsciente e o seu salvador a saírem da água. O miúdo recebeu respiração artificial. Pouco depois abriu os olhos e, compreendendo tudo o que se tinha passado, disse:

— Obrigado por me ter salvo a vida.

— Está bem, meu filho — disse o amigo desconhecido. — Sinto-me feliz em tê-lo feito. Quanto a ti, trata de ser digno dessa salvação.

Com estas palavras, o desconhecido afastou-se. Nem o miúdo, nem os seus pais, o viram outra vez, mas aquelas palavras gravaram-se na consciência do miúdo. Quando mais tarde o miúdo se tornou o

conhecido bispo metodista, Baxter, ele contou muitas vezes a história da sua salvação apelando sempre aos seus ouvintes para reconhecerem que Deus nos salvou através de Cristo do poder do pecado e da morte, e isso custou-lhe a vida. Deus tendo feito tudo para nos salvar, certamente o mínimo que nós podemos fazer é de lhe darmos as nossas vidas. Mas, a pergunta é: como?

Entre os prégadores mais impressionáveis da era cristã destaca-se Jorge Whitefield, um associado de João Wesley na Inglaterra. O seu ministério foi igualmente eficaz na América. O seu texto favorito parece ter sido: «Necessário vos é nascer de novo». Com efeito, ele prégou mais de 600 sermões baseados naquele texto. Alguém perguntou-lhe porque prégava ele tanto sobre aquele versículo. A sua resposta simples foi: «Porque necessário vos é nascer de novo».

Estas palavras foram pronunciadas pela primeira vez por nosso Senhor, quando falava a um dirigente religioso proeminente, Nicodemos. Nicodemos não era um mau homem, como o ladrão na cruz, nem um avarento como Zaqueu, o cobrador de impostos, nem um adúltero como a mulher de Samaria. Nada disso, ele era um dirigente judeu, um membro do Sinédrio, o grupo oficial mais importante da nação. Era também um homem extremamente rico, e os judeus consideravam a riqueza como uma prova directa da bênção de Deus. Todavia Jesus insistiu sobre o mesmo assunto. Disse-lhe Jesus: «Se não nasceres de novo de maneira nenhuma entrarás no reino de Deus». O que Jesus disse a Nicodemos, diz a cada um de nós pessoalmente: se não nascermos de novo, de maneira nenhuma entraremos no reino de Deus. E podemos estar certos de que Jesus nunca teria dito estas palavras se elas se não pudessem cumprir.

Natureza pecadora

Nós começamos a nossa vida natural quando nascemos. Tudo aquilo que somos, física e mentalmente, a nossa capacidade para crescer, o nosso sexo, o nosso temperamento,

a nossa aparência, mesmo as nossas inclinações, tudo isso é determinado no dia em que nascemos. Herdamos dos nossos pais os corpos e disposições. Os nossos antepassados apenas nos deixaram aquilo que realmente podiam deixar-nos: a sua natureza pecadora.

Mas Jesus disse: «Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus». Mat. 7:17. Aqui é que está a tragédia. Todos nascem com uma natureza pecadora. Não há ninguém realmente bom por natureza. Quando um jovem se dirigiu certa vez a Jesus e o chamou: «Bom Mestre», com certeza não esperava a resposta que recebeu: «Porque me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus.» (Mat. 19:16,17). Jesus estava a tentar fazer compreender a este jovem que Aquele a quem ele falava não era apenas um «bom homem», mas o «Deus-homem» — «Deus manifestado na carne».

Se bem que Jesus nascesse como nós nascemos, isto é, de mulher, todavia Ele não teve Pai segundo a carne. O Seu Pai era Deus. O Seu nascimento foi um milagre. Lembra-se de que o anjo disse a Maria: «O Santo, que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus.» (Lucas 1:35). O anjo não poderia ter dito isso acerca da vossa ou da minha mãe. Nós não somos filhos ou filhas de Deus por natureza. Podemos tornar-nos membros da família de Deus somente através de um milagre da graça divina. Somos todos filhos dos pecadores Adão e Eva, e para nos tornarmos herdeiros do reino de Deus, temos que nascer de novo. Temos que nascer de novo através do Espírito de Deus.

Falando aos fariseus, Jesus disse: «Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai.» (João 8:44). Parece estranho Jesus ter dito tais palavras aos fariseus, visto que eles pertenciam à seita mais escrupulosa do seu tempo. Eles eram os que mais se preocupavam com os detalhes das suas cerimónias religiosas. Mas, nem eles nem ninguém pode viver uma vida santa somente com boas resoluções. Para nos tornarmos santos, temos que ser transformados, radicalmente transformados, e esta transformação tem que vir de dentro para fora. Isto pode apenas ser

feito por um poder sobrenatural, pelo poder de Deus.

Novo começo

Nascer de novo significa começar completamente de novo. Isto não significa reformar a maneira de viver anterior ou apenas voltar uma outra página no livro da vida. Significa tomar uma direcção completamente oposta; render-se ao Espírito de Deus. Hoje ouve-se falar muito da «grande sociedade», como se a transformação social pudesse resolver os problemas do mundo. Mas, o problema básico não é o nosso ambiente, é antes a nossa natureza. O que o mundo necessita não é somente mudança de condições, nem mesmo mudança de pessoas, mas antes pessoas mudadas.

Um grupo de barbeiros, muito zelosos na propagação do seu ofício, encontraram um pobre alcoólico numa viela. Convidaram-no a vir à sua oficina, deram-lhe um banho e um corte de cabelo; barbaram-no e lavaram-lhe o cabelo. Vestiram-lhe um fato novo, até que ele parecia certamente um outro homem. Mas, três dias depois, ele estava outra vez na valeta. Porquê? Porque os seus impulsos e os seus princípios de acção não tinham sido mudados. O perfume e o pó, a roupa nova e um ambiente diferente não tiveram efeito muito prolongado sobre ele. Ele tinha sido transformado apenas no exterior, não no interior.

Batalhas para proteger a liberdade individual estão hoje mesmo a travar-se. O homem tem direito à liberdade, seja quem for ou onde quer que se encontre. Mas, liberdade por si só não é suficiente. Algumas das pessoas mais infelizes são aquelas que usufruem liberdade a mais.

Jesus disse: «Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos... porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.» (Mat. 5:11, 12). Os profetas foram os grandes dirigentes espirituais dos tempos do Antigo Testamento. Eles sabiam o que significa ter uma natureza mudada. Esta doutrina do

novo nascimento não pertence apenas ao Novo Testamento. Era tão real para aqueles como para este. Através do profeta Ezequiel, Deus disse: «E vos darei um coração novo... E porei dentro de vós o meu espírito, e farei que andeis nos meus estatutos.» (Az. 36:26,27). Como se executa isto? Deixemos que Pedro responda: «Sendo de novo gerados, não da semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre.» (1 Pedro 1:23).

Lembram-se da história de Enoc, o homem que andou com Deus? Ele vivia no meio de uma geração ainda mais corrupta do que a nossa. As condições naquele dia devem ter sido horríveis, pois está escrito: «A terra... estava corrompida diante da face de Deus: e encheu-se a terra de violência. E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente.» (Gen. 6:11,5). Mas Enoc era diferente daqueles que o rodeavam, porque a graça de Deus o tinha transformado. E esta mesma graça pode transformar-nos também. Ela transformou Tiago e João, que eram conhecidos como «filhos do trovão». Transformou Paulo de Tarso, o fariseu perseguidor. Transformou Maria Madalena, de quem Cristo expulsou 7 demónios. Transformou também um jovem de 19 anos numa cadeia penitenciária do Canadá, o qual tendo-se juntado a má companhia, tomou parte no roubo de uma droguaria. Ele não tinha a intenção de ferir ninguém, mas algo aconteceu, e a sua pistola desfechou-se, ferindo o empregado por detrás do balcão.

Quando os detectives lhe bateram à porta algumas noites mais tarde, o pai, um homem muito estimado na comunidade, disse:

— Deve haver qualquer erro aqui. O meu filho é muito bom rapaz. Mas a sua confiança tinha sido mal colocada. Aquele filho, nobre exteriormente, estava culpado e sabia-o perfeitamente. Assim falou ao seu pai:

— Sou eu quem eles procuram. Eu fiz aquilo de que me acusam.

Ao repetir a sua história na cela, calou-se um momento, depois disse:

— Foi uma ocasião muito trágica para mim. Todavia, aquilo que mais me comoveu foram as palavras que meu pai me dirigiu. Pondo o seu braço sobre o meu ombro, ele disse, na presença do polícia que me escoltava: «filho, o que quer que seja que tenha acontecido, acredito em ti e estarei sempre ao teu lado.» Quando aquele jovem deu o seu coração a Jesus, tornou-se um outro homem. A Graça de Deus fê-lo uma nova criatura.

Uma saída

Em muitas das nossas grandes cidades ouve-se o lamento de pessoas escravas do álcool e de outras drogas que anseiam libertação e dizem:

— Não há saída para mim. Estou preso de vez; afundei-me demais. Mas, há uma saída, e, não importa quanto nos tenhamos afundado no pecado. Deus pode fazer de nós novas criaturas. Um provérbio chinês diz: «Não há caminho de retorno». Isto não é verdade. O próprio Deus nos deu a possibilidade de retorno. Mas nós temos que vir até junto dele exactamente como nos encontramos. Nada que possamos fazer ou dizer pode recomendar-nos a Deus. Mas quando nos rendemos inteiramente ao Salvador, Ele introduz-nos nas nossas vidas e então opera-se o milagre da graça. Nascemos de novo.

Deus nunca nos pede para nos justificarmos ou nos regenerarmos ou nos vonvertermos por nós mesmos, mas apenas para nos rendermos. E, até mesmo a força para efectuar essa renúncia, vem do Espírito Santo. O homem entrou em dificuldade quando opôs a sua vontade à do seu Criador. Agora, a única saída para ele é humilhar-se diante de Deus e reconhecer a Sua superioridade. A Bíblia chama arrependimento a esta renúncia. Recentemente alguém disse: «O arrependimento é a base onde se efectua o lançamento da alma para a sua órbita eterna, com Deus no centro da trajectória».

E eis aqui a parte mais maravilhosa de tudo isto: não temos que

ser bons, ou bondosos, ou sem mácula, para entrar no reino da graça. Somos convidados a vir como estamos. A porta está sempre aberta para os pecadores, todas as espécies de pecadores. Deus recebe-nos enquanto somos ainda pecadores. Depois de estarmos no reino da graça, o Espírito Santo toma conta de nós e molda-nos em santos. Não podemos atingir a salvação através de boas obras ou por meio de boa conduta social. Obtemos salvação ao aceitarmos a oferta que Deus fez através de Jesus Cristo. O nosso Salvador tomou sobre Si o castigo do nosso pecado, morte, e dá-nos o Seu Espírito, isto é, vida. «Deponho a minha vida, disse Ele, não exijo a vossa». E o único caminho para Deus é Jesus Cristo, o qual declarou: «Eu sou... a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim». (João 14:6).

A diferença

Um indu exprimiu a diferença desta forma: «A diferença entre o induismo e o Cristianismo é esta: Nós temos que escalar os degraus da austeridade que conduzem a Brahma. Ele não mexe nem um dedo para nos ajudar. No cristianismo, o vosso Deus desce até ao último degrau da escada e isso custa-lhe a vida. Então, abraçando-vos, Ele ajuda-vos a subir até ao último degrau. Esta é a diferença». Isto é certamente uma diferença, e esta diferença é essencial. Chegamos-nos até Ele como somos e pela Sua graça podemos-nos tornar no que Ele é — um filho de Deus. Em primeiro lugar, Ele transforma as nossas vontades e nós começamos «a pensar os pensamentos de Deus». As coisas em que antes tínhamos prazer não nos interessam agora. Aquilo que antes gostávamos de ouvir desagradava-nos agora. Algo acontece. «É estranho, disse uma jovem senhora, eu não podia passar sem cigarros e agora aborreço até o cheiro deles». Quando o sangue de Jesus nos limpa do pecado, limpamos-nos também de toda a iniquidade.

Suponhamos que pego num disco de canções modernas. É moderno em extremo, uma melodia roufenha cheia de dissonância e com a ênfase

nas notas erradas. Molhando uma esponja em ácido, passo-a sobre a superfície do disco e, eis que os seus ecos desaparecem para sempre. Isto é o que Jesus pode fazer com a nossa vida. Não faz diferença quão envolvido tenhamos estado; Ele pode apagar todos os traços do pecado na nossa vida e fazer de nós uma nova criatura, limpa de todo o pecado e radiantemente feliz.

O bispo de Cartago, no século terceiro, Cipriano, escreveu uma carta ao seu amigo Donato em que lhe dizia: «Este mundo é mau, incrivelmente mau, Donato. Mas eu descobri no meio dele um povo sereno e santo que aprendeu um grande segredo. Encontrou uma alegria que é mil vezes melhor que todos os prazeres do nosso mundo pecador. É injuriado e perseguido mas isso não o preocupa. É senhor da sua alma. Venceu o mundo. Este povo, Donato, são os cristãos, e eu sou um deles».

Crê sòmente

Lembram-se da história dos dez leprosos que se chegaram a Jesus para serem curados? Olhando para eles com piedade, o Salvador disse: «Ide e mostrai-vos aos sacerdotes». Este conselho podia parecer estú-

pido, porque era bem visível, para quem os visse, que estes dez homens eram leprosos. Mas com fé simples, aqueles homens obedeceram, e a Bíblia diz: «E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos». Quando eles obedeceram à ordem de Jesus, o Senhor fez o milagre. A caminho da inspecção, ficaram limpos da lepra. A sua pele tornou-se macia como a de um bebê, as manchas desapareceram completamente.

O que Deus fez por eles fisiologicamente, quer fazer por nós psicologicamente. E Ele pode fazer isso agora mesmo, onde quer que nos encontramos. Levantemos o nosso coração para Deus em oração e digamos baixinho: «Senhor, rendemo-nos hoje a Ti. Faz-nos completamente de novo, outra vez. Ajuda-nos pela senda da vida eterna. Tudo isto Te pedimos em nome de Jesus Cristo, Amén». Agora, tendo orado, creiamos que Ele nos ouviu e está agora mesmo a responder à nossa súplica. A Sua graça far-nos-á novas criaturas em Cristo.

O Dr. Billy Graham conta a história de um homem que conduzia o seu *Ford* numa auto-estrada quando algo aconteceu. O carro parou. Saindo do carro, inspeccionou o motor, mas não encontrou nada fora do seu lugar. De pé, e sem saber o

que fazer, viu um outro carro aproximar-se, fez-lhe sinal para parar, e pediu ajuda.

Do *Lincoln* saiu um homem novo.

— O que é que se passa — perguntou ele?

— Não sei. Não sou capaz de pôr a funcionar o motor do meu carro.

O desconhecido examinou o motor, ajustou algumas peças e depois disse:

— Agora ponha o motor em marcha.

O motor pôs-se em marcha imediatamente.

Cheio de gratidão, o dono do carro apresentou-se ao desconhecido e perguntou-lhe em seguida:

— O senhor como se chama?

— Chamo-me Henry Ford.

Aquele que tinha fabricado o carro, sabia como pô-lo em marcha e fazê-lo continuar. E Deus que nos fez sabe como nos meter no bom caminho e fazer com que não caiamos. Ele compreende os nossos problemas e assegura-nos que, em Jesus Cristo, todas as nossas necessidades são satisfeitas, não só para esta vida, mas também para a vida eterna. Esta é a razão por que Jesus disse: «Necessário vos é nascer de novo».

Terça-feira, 21 de Março

Cristo, a Palavra

Por Francisco N. Siqueira

Três amigos discutiam sobre as maiores forças existentes no mundo. Chegaram à conclusão de que as três maiores expressões de poder neste globo se encontravam no Kremlin, Moscovo, no que respeita ao poder político; no Pentágono, Washington, o poder militar; e no Vaticano, Roma, o poder espiritual.

A conversação foi ouvida por uma quarta pessoa, a qual calmamente afirmou: «O maior poder deste mundo é aquele que pode transformar o homem e torná-lo melhor.

Que lhes parece? Eu não sou político, nem estrategista, nem místico, mas gostaria de lhes dizer o que penso ser o maior poder na terra. A primeira demonstração de

poder que vi foi uma locomotiva primitiva, numa pequena cidade do interior do Brasil, em 1922. Não posso esquecer a profunda impressão que me causou aquele monstro de aço que era capaz de transportar oito vagões carregados e oitenta pessoas de uma só vez. O vapor barulhento saindo das entranhas de metal fizeram-me pensar num dos monstros de que fala o Apocalipse numa das cenas do juízo final.

Muitos anos mais tarde, vi uma demonstração das forças aéreas americanas. Bem alto sobre a cidade de Washington, poderosos aviões a jacto proclamaram a vitória sobre a barreira do som.

Tenho visto paradas de forças motorizadas equipadas com invenções de grande poder mortífero. Visitei a represa de Boulder, e vi as águas de um rio cativo serem transformadas por máquinas poderosas em turbulentos e poderosos *Kilowatts*.

Tenho visto assinaturas transformarem simples pedaços de papel em cheques valendo milhões de escudos. Tenho visto juízes assinarem documentos transformando solteiros em casados, estrangeiros em cidadãos, e órfãos em filhos adoptivos.

Na verdade, tenho visto estas e muitas outras evidências de poder. Mas, depois de meio século de contacto com a vida, conheço apenas

um poder capaz de transformar e melhorar a natureza humana. Alguém escreveu:

«O Seu nascimento foi contrário às leis da vida: a Sua morte contrária às leis da morte. Durante a Sua meninice inquietou um rei, na Sua adolescência embaraçou os teólogos e, adulto, perturbou uma nação.

«Ele não passeou sobre alcatifas reais, mas andou sobre as águas do mar da Galileia como sobre terra firme.

«Não possuía campos de trigo nem barcos de pesca, mas foi capaz de alimentar cinco mil pessoas e ainda lhe restaram muito pão e muito peixe.

«Herodes não conseguiu apoderar-se da Sua Vida, Satanás não foi capaz de decretar a Sua morte.

«Cada sete dias as actividades comerciais do mundo param, e milhões de crentes enchem as igrejas para lhe prestar culto.

«A Sua única mesa de escola foi a mesa de carpinteiro do seu pai; mas os Seus conhecimentos, no que respeita a influência e qualidade, excederam em muito os dos homens mais sábios de todos os tempos.

«A Sua vida e os seus ensinamentos não tinham a estampa da demagogia e das concepções populares, mas tornaram-se um modelo e influência indiscutíveis na esfera internacional, sem outra publicidade além do Seu carácter.»

Sim, meus amigos, estamos a falar de Cristo. Vejamos agora as dimensões da Sua palavra:

Ela rechaçou Satanás no deserto da tentação, Lucas 5:12,13.

Converteu água em vinho no casamento de Caná, João 2:1-10.

Curou o paralítico de Cafarnaum, Marcos 2:9-12.

Deu vista ao cego de Jericó, Lucas 18:41-43.

Acalmou o mar tempestuoso, Marcos 4:39.

Transformou a vida de uma mulher pecadora, João 4.

Ressuscitou Lázaro, João 11:43-44.

O poder da palavra de Cristo não é apenas uma realidade histórica, pertencendo apenas ao passado e anunciada apenas pelos escritores do Evangelho. Em tempos adulterados e materialistas como o nosso, vozes imparciais e com autoridade declaram a presença e a verdade do Seu poder na vida dos homens de hoje.

James Simpson, o inventor do clorofórmio, durante um banquete dado em sua honra, disse: «Fiz uma descoberta mais importante do que aquela que me proporcionou o privilégio deste banquete... Encontrei na Bíblia que era pecador e que Jesus me perdoou.»

Quando Rudyard Kipling, poeta laureado da Inglaterra, estava hospitalizado em São Francisco da Califórnia, balbuciou: «Necessito... Necessito...».

— Que necessita — perguntou-lhe a enfermeira que estava de vigília ao seu lado?

— Necessito Cristo — foi a sua sincera resposta.

Augusto Frederico Schmidt, sábio e diplomata brasileiro, fez a seguinte declaração pouco antes de morrer: «Eu sei que o mundo de hoje é um mar desesperado; que a vida humana se tornou uma aventura sem sentido. Sei que tudo aquilo que amamos está ameaçado de se perder... Mas sei, também, que... a salvação do homem moderno está na re-descoberta de Cristo.»

Meus amigos, pode ser que o maior poder político do mundo se

encontre por detrás das paredes do Kremlin; pode ser que o maior poder militar de toda a história esteja sob a autoridade dos generais e almirantes do Pentagon de Washington; é possível que o maior poder religioso de todos os tempos esteja nas mãos do Papa e do Sacro Colégio. Mas o maior e mais alto poder continua a ser aquele que é capaz de transformar o homem, fazendo-o melhor. Este poder, de acordo com o testemunho do passado e do presente, existe apenas na Palavra de Deus viva.

Creio no poder da Palavra de Cristo. Não creio como crê o teorista ou o catequista que está interessado apenas em proselitismo. Creio no poder da Palavra de Cristo porque a tenho posto à prova.

Na verdade, se não fosse pelo poder da Palavra de Cristo actuando numa pequenina cidade do Brasil, haveria ainda hoje um outro alcoólico, um outro rebelde contra Deus e contra os homens, um outro escravo das paixões e do jogo, um outro problema social. Sem a Palavra de Cristo, o escritor destas linhas seria aquele farrapo, aquele destroço humano.

Se não fosse o poder da Palavra de Cristo, no cemitério daquela mesma cidade (que por sinal se chama «A Cidade das Cruzes»), uma outra cruz teria sido levantada há muito tempo, com a seguinte inscrição: «Aqui jaz Francisco Nunes Siqueira. O maior benefício que ele fez ao mundo foi a sua morte. O mundo estaria melhor se ele não tivesse existido.»

Não crêem os meus amigos que eu tenho razões de sobejo para acreditar e proclamar que a Palavra de Cristo é o maior poder deste mundo?

Quarta-feira, 22 de Março

Cristo, o Criador

Por E. E. Cleveland

«Serei como o Altíssimo». Esta declaração altissonante feita por Lúcifer começou uma controvérsia que continua até hoje. Se bem que aparentemente inocente, era na

verdade um desafio à sabedoria e poder do Criador. Evidentemente, é uma virtude desejar ser como o Criador no que diz respeito ao Seu carácter. Isto é, na verdade, a fina-

lidade mais gloriosa da vida; mas cobiçar a sabedoria absoluta e o poder absoluto de Deus, é procurar obter a Sua posição no universo, e isto não podia ser. «Não

há outro Deus», é o ditame divino.

A rebelião de Lúcifer era na sua essência um problema jurisdicional. A quem pertenceria o julgamento final? Continuará Deus a exercer completa autoridade, ou partilhá-la-ia? Quando Deus criou a terra e o homem, Satanás recebeu a sua resposta: «Eu sou Deus, e não há outro Deus». «A quem me fareis semelhante, e com quem me igualareis, e me comparareis para que sejamos semelhantes?». Isa. 46:9,5.

A Criação

Com a criação do homem o conflito entre Deus e Lúcifer foi transferido para a terra. Quem teria aqui autoridade suprema? «Eu fiz a terra, e criei nela o homem; eu o fiz: as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens. Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei». Isa. 45:12-13. O Deus do céu baseia a Sua autoridade no facto da Criação. «Ai daquele que contende com o seu Criador!... Porventura dirá o barro ao que o formou: Que fazes?» Verso 9.

Como memorial da sua criação, Deus deu o Sábado. «E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do Sábado e o santificou». Êxodo 30:9-11. O Sábado, pois, é uma lembrança semanal de que Deus criou os céus e a terra. O Sábado ergue-se hoje como o maior baluarte contra a evolução. O Sábado diz que o homem não descende de uma amiba mas de Deus e, como filho de Deus, está sujeito à sua disciplina. O Sábado afirma que Deus criou a terra em seis dias literais, não através de milhões de anos. «Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu». Sal. 33:9.

A evolução é a resposta de Lúcifer à Criação. Este facto explica a sua dilatada popularidade. Pense-se

somente em quem está a patrociná-la. Todavia, que irracional! Depois de dezenas de anos de esforços para comprovar a teoria da evolução, não foi ainda encontrado elo algum entre os chamados meios ascendentes do desenvolvimento do homem, nem tão-pouco foi ainda demonstrado que a vida pode ter origem na matéria inorgânica.

O diabo tem forçosamente que destruir o facto da criação ou então não pode estabelecer a sua própria autoridade. O Sábado é o objecto especial da sua ira, porque é a lembrança semanal do poder criador de Deus. Isto explica porque o Sábado é o dia de comércio mais intenso. Isto explica porque muitos ministros o fulminam dos seus púlpitos. Isto explica porque o Sábado é chamado judeu, a fim de reduzir a sua influência, e porque é cortêsmente ignorado e a sua importância rebaixada em círculos selectos.

A redenção

Sim, Deus firma a Sua autoridade no facto da criação e, o segundo fundamento da Sua autoridade, é a redenção. Ele tem direito ao amor e respeito humanos porque pagou com a Sua vida a transgressão do homem. Não é esta uma reivindicação legítima? «Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus, no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus». 1 Cor. 6:19-20. «Mas, Deus prova o seu amor para connosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores». Rom. 5:8.

O General Toombs, ao testemunhar no tribunal a favor de um antigo servo, fez o seguinte relato: «Vossa Excelência, Ex.^{mos} senhores jurados: há alguns anos o meu irmão caiu ferido no campo de batalha de Gettysburg. Ali ficou a escoar-se em sangue e não havia quem o pudesse socorrer. Balas e granadas varriam a terra à sua volta. Nenhum amigo podia aproximar-se dele; nenhum médico ou sava ir até junto do ferido. O seu servo viu o perigo em que se encontrava o seu amo, e atirou-se

para dentro do inferno de ferro e fogo. Um estilhaço despedaçou-lhe a carne do peito, mas ele continuou; e, tomando o meu irmão nos braços, o seu sangue misturando-se com o sangue do seu amo, trouxe-o para a salvação e a vida».

Não foi assim que Cristo fez também? Por um mundo que perecia no pecado Ele «atirou-se para dentro do inferno de ferro e fogo». Uma coroa de espinhos trespassou-lhe o lado. Pregos rasgaram-lhe as mãos e pés, enquanto que o fardo do pecado lhe despedaçava o coração. Mas Ele perseverou a tal ponto que todos os filhos de Deus, comprados com o Seu sangue, podem cantar:

Eu estava a afundar-me no pecado,
Longe do porto seguro,
Manchado profundamente
Afundando-me sempre mais;
Mas o senhor do mar,
Ouviu o meu grito,
Tirou-me das águas,
E agora salvo estou.

Sim, tendo pago o preço devido pela redenção do homem, Cristo tem direito à nossa lealdade. Um certo jovem, de pé sob o sol ardente, ia ser vendido como escravo. Imaginem a sua surpresa quando um sujeito idoso e com expressão bondosa pagou o preço pedido pelo jovem e lhe disse:

— Pronto, agora pertences-me. Vai em liberdade.

— Não, senhor — replicou o antigo escravo — servir-te-ei até o fim da minha vida.

Acontece assim com Cristo. Ele redimiui-nos. Por conseguinte, nós alegremente nos submetemos a Quem com a Sua vida resgatou a nossa.

O Sábado é um sinal de redenção. «Eu também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles: para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica. E santificai os meus sábados, e servirão de sinal entre mim e vós para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus». Ezeq. 20:12-20.

A Santificação

A santificação é o trabalho da graça redentora de Cristo. O Sá-

bado é um sinal de santificação. E, note-se, é um sinal pessoal — «entre mim e ti», diz o Senhor. As opiniões dos outros não têm lugar aqui. A atitude do patrão significa pouco. É um assunto apenas entre Deus e o homem. O Sábado é um sinal de graça interior.

A história de Lonnie Wright ilustra este ponto claramente. Em consequência da agitação provocada por colegas de trabalho, o seu patrão chamou-o e disse-lhe que ele teria de trabalhar no Sábado. «Pense nisso, disse ele, e dê-me a resposta na próxima sexta-feira».

Quando a sexta-feira chegou, Lonnie aproximou-se do patrão com as chaves.

— Porque me devolve as chaves? — perguntou ele.

— Porque não posso trabalhar no Sábado.

— Mas você tem nove filhos e tem dívidas. Você vai trocar um emprego tão bom como o seu pelo Sábado?

— Tenho que o fazer — respondeu Lonnie.

— Tem outro emprego?

— Não, senhor.

— Então porque veio hoje tão cedo?

— Pensei que trataria de pagar algumas dívidas.

— Que dívidas? — perguntou ele.

— Devo a três pessoas a importância de 40 000\$00, e quero dar a cada uma delas um pouco de dinheiro.

O patrão olhou-o fixamente durante uns momentos e, em seguida, retirou-se devagar. Quando voltou, trazia consigo um cheque de 40 contos e deu-lho.

— Guarde as chaves e guarde o seu Sábado — disse ele. — Daqui por diante, deixa o trabalho ao meio-dia de sexta-feira e o seu salário não sofrerá redução alguma.

Este senhor ficou impressionado com o que quer dizer observar o Sábado, isto é, amor de tal maneira sincero e forte que o nosso irmão preferiria mais sofrer do que violar o quarto mandamento. O seu patrão viu isto mesmo nele. A sua fidelidade ao Sábado revelava uma tal profundidade de convicção que só o próprio Cristo podia cultivar. Era um sinal de santificação.

«O sábado foi feito para o homem». (Marcos 2:27). Sim, é para a felicidade espiritual, física e mental do homem que estas vinte e quatro horas de tempo sagrado lhe foram dadas. O Sábado é mais do que uma insígnia da autoridade divina, são vinte e quatro horas de santo privilégio.

Durante vinte e quatro horas o sol dos esforços humanos detém-se,

porque o Sábado é terra santa. Foram-se os sinais e os sons do nosso frenético e laborioso mundo. «Bemvindo, bemvindo, bemvindo, dia santo de Sábado».

O Sábado é um dia de alegria. Não o Sábado do fariseu, frio e proibitivo, mas o de Jesus, o autor de toda a felicidade. Jesus chama-o: «O meu santo dia». É o Sábado «do Senhor teu Deus». Respeitamos o Sábado porque amamos a Deus. «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos». (João 14:15).

Um jovem, só e desconhecido, entrou um dia numa igreja adventista. Notou que um senhor idoso o fitava com insistência. Quando o serviço terminou, este senhor aproximou-se do jovem e disse-lhe:

— O senhor parece-se muito com alguém que conheço. Não será por acaso o filho de Bill Cleveland?

— Sou, sim, senhor.

— Então ficará comigo e comerá à minha mesa. Quem é amigo de Bill Cleveland é meu amigo.

Ele respeitava o jovem porque amava o pai dele. Da mesma maneira deve ser o nosso amor a Cristo que nos induz a lembrarmos-nos do dia de Sábado e a santificá-lo.

Prometamos hoje solenemente guardar o Sábado como o afável memorial do poder supremo de Aquele que nos criou e resgatou.

Quinta-feira, 23 de Março

Cristo, o Profeta

Por J. A. Crews

Um número recente da revista *Time* dava especial relevo ao grupo cada vez maior de jovens americanos que se tinham tornado milionários quase da noite para o dia. Um dos fenómenos mais espantosos deste nosso tempo de abundância é a maciça aglomeração de riqueza por estes recém-chegados ao palco do mundo. «Que importância tem isso, alguém dirá? É apenas um dos sinais do nosso progresso material e científico. Isso prova simplesmente que este século de luzes se torna cada vez mais seguro e adiantado».

Mas que segurança existe no mundo hoje? Com efeito, as apa-

rências são extremamente impressionantes. As muralhas de Babilónia antiga não devem ter parecido mais permanentes do que os nossos arranha-céus de aço e cimento. Não houve certamente geração anterior que pudesse orgulhar-se de tanta aglomeração de riqueza como nós temos hoje acumulado.

O que significa o facto de que os homens possuem hoje tanta riqueza que são mesmo incapazes de lhe estimarem o valor? Uma profecia notável deste estado de coisas encontra-se no livro de Tiago 5:1-3: «Eis pois agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misé-

rias, que sobre vós hão-de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias».

No sul da Índia vive o Vizir de Hyderabad, considerado o homem mais rico do mundo. Certa manhã o jornal *Mail* de Madras, relatou o seguinte incidente sobre este multimilionário: «Enquanto inspeccionava as arcas com dinheiro numa das salas do tesouro do palácio, descobriu que faltavam oito milhões

de dólares (cerca de 230 mil contos) numa das arcas. Investigação subsequente revelou que os ratos tinham feito um buraco na arca e tinham levado as notas de Banco. Nem um centavo foi jamais recuperado, mas este homem que possui ilimitada riqueza, preocupou-se pouco com isso. Aquilo era apenas uma só arca, de um só quarto, de um só palácio. Havia muitos outros.

O amor do dinheiro

O amor do dinheiro tem dado origem a um problema paradoxal, o qual indica a vinda próxima de nosso Senhor. Por vezes a situação parece trágicamente confusa e contraditória. Na Índia, por exemplo, existe uma das minas de ouro mais profundas do mundo. Podemos ver o metal lúcido ser retirado da terra. Em seguida, podemos viajar à volta do mundo até Fort Knox, Kentucky, e ver o ouro ser introduzido de novo na terra.

A ciência se multiplicará

Mas esta aglomeração de riquezas não é mais do que uma das muitas predições surpreendentes que estão a cumprir-se nos nossos dias. O único progresso dos conhecimentos científicos tem revolucionado o mundo há alguns anos. Novas descobertas na ciência dos foguetões e das viagens interplanetárias seguem-se uma à outra com regularidade assombrosa. Mal podemos falar de um sucesso sem sermos interrompidos por um novo relato de outro sucesso que torna o primeiro completamente obsoleto. Ao escrever este artigo, os jornais anunciam a realização de três novos «records» estabelecidos pela última viagem interplanetária.

Os subprodutos científicos de todas estas frenéticas pesquisas têm conduzido à descoberta de novos e sensacionais medicamentos, aparelhos e processos milagrosos. Numa das ruas de uma cidade americana, uma árvore foi cortada às 7.55 da manhã. Transportada rapidamente para uma serração, foi transformada em massa. Daí seguiu para uma fábrica de papel e depois para

a redacção de um jornal. Pelas dez — apenas duas horas mais tarde — esta árvore tinha sido transformada em material de impressão e era vendida nas ruas da mesma cidade como o jornal do dia. Que ilustração da profecia de Daniel que diz que nos últimos dias «muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará». (Dan. 13:4).

Jesus falou de muitos sinais que marcariam os últimos momentos do mundo, mas nenhum outro parece cumprir-se tão claramente diante dos nossos olhos como Lucas 21:25-27: «E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas. E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória». O aumento alarmante de suicídios pode ser compreendido apenas à luz desta profecia. Pelo menos 25 000 pessoas cometem suicídio cada ano e, quatro vezes esse número, atentam contra a sua vida mas sem resultado. A revista *Time* estima que o cálculo de 40 000 suicídios por ano estaria mais perto da realidade. Billy Graham disse: «Entre as idades de 15 e 50 o suicídio é o factor que causa mais mortes».

Sentimentalismo

Os sintomas de doenças nervosas reflectem-se em diversas áreas da sociedade actual. As pessoas parecem estar dilaceradas no íntimo. Elas são conduzidas a praticar acções estúpidas e violentas sob a influência de emoções desencontradas. Não é de admirar que os escritórios dos psiquiatras estejam cheios de pacientes que desejam desvendar o seu mistério íntimo. Considerem-se os compassos desenfreados das fantasias musicais da actualidade e as pinturas bizarras classificadas como arte moderna. Não vemos aqui excelentes exemplos de música e de arte desequilibradas? Aqueles que produzem este jargão incompreensível de som e cor professam expressar o que sen-

tem dentro de si. Se isto é verdade, podemos compreender facilmente a natureza profunda dos conflitos emocionais que assolam as multidões.

A mesma assolação de emoções impulsivas parece ser o mesmo factor que influencia o crescimento do chamado movimento da «nova moralidade» na América. Sob etiquetas diferentes que fazem com que o pecado apareça menos repreensível, Satanás introduziu a mesma imoralidade de outros tempos, a qual tem amaldiçoado a terra desde o princípio. Encorajando uma confiança imoderada nos sentimentos, Satanás conseguiu fazer com que as paixões se tornassem normas aceitáveis para definir o bem e o mal.

Mesmo teólogos e dirigentes religiosos estão a ser influenciados por estes novos e subtis argumentos. Muitos aprovam já a imoralidade sexual baseando-se em que ele é «uma relação significativa». Em vez de ser substituído por sentimentos pervertidos. A colossal e errada suposição é que os jovens aceitarão a religião com mais facilidade se esta não condenar as suas acções. Assim, a religião procura, mais e mais, não definir o que é pecado para não ofender a sua juventude. Mas, a Lei de Deus continua a dar ao pecado o seu verdadeiro nome.

Este afastamento de uma regra absoluta para relativa conduziu ao cepticismo religioso actual. Paulo descreve esta mesma condição em II Timóteo 3:1-5: «Sabe, porém, isto; que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te». Juntemos a este texto aquela pergunta solene feita por Jesus a respeito da Sua vinda: «Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?». Luc. 18:8.

A grande maioria dos seminários actuais não aceita as mais claras

doutrinas das Escrituras Sagradas. Com efeito, estes seminários nem mesmo aceitam a Bíblia como a revelação inspirada da vontade de Deus. Num diálogo entre dois professores de teologia bíblica a verdade histórica da Bíblia foi negada publicamente. Doutrinas, tais como a segunda vinda de Cristo, foram ridiculizadas. Que cumprimento espantoso das profecias concernentes à descrença religiosa!

De que maneira a nova atitude de Satanás relativa às paixões tem influenciado o panorama do crime nos Estados Unidos? Quase não temos necessidade de o acentuar aqui. Os jornais já nos informaram de que o crime cresce seis vezes mais rapidamente do que a população. Por cada estudante dos cursos superiores e das universidades há dez, no exterior, que estão alistados no grande exército de seis milhões de criminosos. Impulso e sentimento destronaram a razão e consciência. A trágica consequência tem-se revelado mais trágicamente ainda nas vidas tenras dos jovens. Por exemplo, dos seis mil e quinhentos ladrões apanhados a roubar durante 1962 nos quatro armazéns Alexander, em Nova Iorque, três mil e quinhentos tinham menos de vinte anos. Mas eis aqui o que custa mais a acreditar: destes três mil e quinhentos, os mais numerosos tinham quatorze anos de idade! Num grande loja de Cincinnati, os registos IBM revelaram que 78 por cento daqueles que roubavam na loja tinham menos de dezoito anos de idade. Destes 78 por cento 45 eram raparigas e 33 por cento rapazes.

O Lar e a Família

Examinemos uma outra área em que se manifesta o efeito da perversão dos sentimentos por Satanás. Jesus predisse a deterioração do lar e da família. Ele disse: «E como aconteceu nos dias de Noé, assim será nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos». Luc. 17:26-27. O dramático cumprimento desta profecia encontra-se diariamente impresso na coluna de

estatísticas dos jornais. Vance Packard, no seu livro *Hidden Persuaders* (*Persuasivos escondidos*), revela que os americanos sentem-se tão inseguros que eles mudam de carro cada dois anos e um quarto, mudam de amigos cada quatro anos (mudando de casa), e mudam de esposos cada sete anos. É esta mudança tão frequente de esposos que constitui um dos sinais mais importantes do fim que se aproxima. Ainda que a proporção existente entre divórcio e casamentos seja de um para três, um jornal de Tulsa, Oklahoma, anunciou que durante 1964 foram feitos 2819 requerimentos de casamento e 3089 requerimentos de divórcio, naquela grande cidade.

Como se pode compreender esta instabilidade que atinge mesmo o fundamento da nossa sociedade: o lar; Ainda uma vez, a fraqueza básica parece ser a ímpia ênfase posta em sentimentos em vez de ser posta em princípios. O egoísmo é a origem da maioria dos problemas conjugais. O amor como princípio divino é suplantado por sentimentos românticos, os quais invariavelmente desaparecem face às duras realidades da vida. Então, sem a presença de uma imutável regra para dar equilíbrio, as paixões impulsivas conduzem os esposos pela estrada da separação e do divórcio.

Para enterrar o infortúnio causado por divórcios e outros problemas provocados pelos sentimentos perversos, os americanos consumiram em média, vinte e sete galões (cerca de 108 litros) de bebidas alcoólicas por pessoa, no ano passado. Eles gastaram quatro vezes mais dinheiro em bebidas alcoólicas e tabaco do que em todas as contribuições feitas para fins religiosos e de caridade. Que triste comentário sobre o estado dos costumes neste país cuja imagem cristã tem sido tão grandemente maculada! Em Washington, D. C., onde se fazem as leis dos Estados Unidos, consomem-se quatro vezes mais bebidas alcoólicas do que no resto do país — uma média de oito litros e meio por pessoa na capital da nação! O poder de raciocinar parece ter-se completamente retirado para dar lugar à licença de paixões desordenadas. Para onde vamos nós? Qual pode ser o resultado desta onda de

indulgência? Jesus deu a resposta em Mat. 24:33: «Igualmente, quando verdes todas estas coisas, sabe que ele está próximo, às portas».

Falsa segurança

Agora notem quão astutamente o diabo apagou as suas pegadas. Depois de ter criado um caos nos sentimentos de milhões de pessoas, consegue ainda dar a impressão de segurança. Apesar da óbvia instabilidade social, Satanás mostra uma frente de força aparente. Prosperidade material, o extraordinário incremento de construções, o progresso científico, tudo isto tende a embalar a alma dentro de uma complacência mortal. Foi desta maneira que tudo foi arranjado. Não é fácil ver por detrás das altas paredes de aço temperado as fundações que se desmoronam. A aparente permanência apenas faz mais certa a próxima e súbita destruição que abaterá todas as instituições terrenas.

Esta miragem de segurança e de força faz desta última hora a mais perigosa para o cristão. Coisas más e princípios perversos serão estimados e honrados. Os disfarçados projectos de Satanás atrairão a admiração e a atenção respeitosa das autoridades mundanas. Somente através da verdade bíblica seremos nós capazes de reconhecer o irresistível engano. Note-se como Jesus descreve esta condição em Luc. 16:15: «E disse-lhes: vós sois os que vos justificais a vós mesmos, diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação». Aqueles que se baseiam sobre os sentimentos serão levados pelo erro disfarçado. Aqueles que procuram o aplauso dos homens serão também vencidos. Somente aqueles cujas vidas são governadas por princípio serão capazes de resistir. A vontade tem que estar firmemente fundada sobre o caminho da verdade revelada. O medo dos homens e a pressão da opinião pública não terão efeito algum sobre o resto fiel que prevalecerá contra as mais poderosas decepções de Satanás. Os fiéis preferirão morrer a comprometer a verdade.

O último sinal

Ao olharmos à nossa volta para a invasora barragem de tentação com todo o seu apelo de sedução para as emoções dos jovens, temos nós uma âncora firme que nos manterá com segurança? Estamos nós

preparados para o último, último sinal descrito por Cristo, o profeta — o sinal da nuvem branca descendo com glória celestial?

O último e desesperado combate prepara-se rapidamente. Cada alma está envolvida. Ganhamos tudo ou tudo perdemos, conforme o lado

que tivermos escolhido. Os momentos de provação estão a passar-se e, em breve, o molde de cada vida terá sido fixado sem qualquer possibilidade de mudança. Tende-vos assegurado esta grande aventura de uma batalha vitoriosa por Cristo? Façai-o agora.

Sexta-feira, 24 de Março

Cristo, o Advogado

Por K. J. Mittleider

Dois jovens membros da igreja, Ed e Henry, estavam experimentando certa dificuldade em dar a Jesus o primeiro lugar. Uma série de reuniões estavam a fazer-se na sua comunidade. Os pais de Ed estavam particularmente ansiosos para que o filho assistisse a essas reuniões; mas ele adiava a sua decisão dia após dia, prometendo ir pelo menos uma vez antes do fim da série de reuniões. Outros assuntos mantinham-no ocupado.

Uma noite, Ed deu grande felicidade aos seus pais ao anunciar-lhes que no dia seguinte iria à reunião.

— Estou muito satisfeito em saber que decidiste ir à reunião amanhã à noite — disse-lhe o pai, que ajuntou: — Gostarias de saber o título da conferência?

— Pois com certeza — respondeu Ed. — Qual é o assunto?

— Amanhã à noite o evangelista falará sobre o julgamento.

Ed hesitou alguns momentos e, depois, disse:

— Se ele vai falar sobre o julgamento, não quero lá ir, pois não estou preparado para o julgamento.

No sábado à noite que se seguiu a esta conversação, Ed e Henry convidaram duas raparigas a irem com eles ver as corridas de automóveis. Ali estiveram até às onze horas da noite. Quando voltavam para casa, estimulados pela excitação das corridas, conduziram o seu automóvel a alta velocidade. Inesperadamente uma curva apertada surgiu-lhes pela frente e o condutor não foi capaz de controlar o automóvel. Este, um automóvel desca-

potável, deslizou perigosamente e, depois, voltou-se atirando os passageiros para fora como maçãs que saíssem de um cesto entornado.

Uma das raparigas morreu instantaneamente e a outra sofreu um grande abalo. Ambos os rapazes ficaram muito feridos. Henry ficou hospitalizado durante muitas semanas. E Ed, que tinha dito duas noites antes não estar preparado para o julgamento, foi transportado para o hospital em condições ainda mais graves. Sofrera tantos ferimentos que a pressão sanguínea tinha descido a um ponto desprezível e a respiração cessara.

Entretanto, o evangelista deitara-se por volta das 11.30 naquela mesma noite, grato a Deus porque várias almas tinham tomado a decisão de seguir a Cristo, durante o apelo. Adormecera há alguns momentos apenas, quando o telefone tocou: tratava-se de uma chamada urgente pedindo que viesse imediatamente ao hospital. Quando chegou ao hospital, as enfermeiras indicaram-lhe o quarto onde estava Ed. Orou-se para que a vontade de Deus fosse feita. Aqui estava um jovem de dezanove anos que tinha feito tudo para desenvolver o seu corpo e dele tomara o melhor dos cuidados; agora, devido aos ferimentos que recebera, respirava somente em razão de um respirador artificial. Se bem que ele não tivesse respirado visivelmente durante cerca de trinta minutos desde o momento do acidente até que uma traqueotomia tinha sido feita, o seu coração batia agora regularmente.

Porém, duas horas mais tarde, o coração começou a bater mais devagar até que parou completamente.

Tinha este jovem feito paz com Deus? Tinha ele resolvido o assunto da sua salvação? Só a eternidade revelará a resposta a esta pergunta, mas quão diferente tudo poderia ter sido se ele tivesse tomado a decisão de assistir àquela série de conferências.

Como seremos julgados?

Eclesiastes 12:13 explica em que consiste viver uma vida completa: «De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o *dever* de todo o homem». Note-se a palavra *dever*. Está em itálico, significando que é uma palavra acrescentada pelo tradutor. Não aparece no texto original. Se se omitir esta palavra o texto torna-se mais claro e mais significativo: «Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o tudo do homem».

Grande número de pessoas existem apenas. Elas não sabem o que é realmente viver. Continuam, dia após dia, escravos das circunstâncias — escravos do diabo. Só são verdadeiramente livres aqueles que põem Cristo em primeiro lugar nas suas vidas. Assim Cristo faz de nós pessoas moralmente livres. Vejamos como o cristão pode viver abundantemente enquanto o mundo à sua volta somente existe.

Já alguma vez visitastes um cleptomaniaco e vistes o desespero estampado na sua face? Ele sabe que o mandamento diz: «Não roubarás». Mas ele é um escravo e diz às circunstâncias: «Eu nasci mesmo desta maneira. Não me parece possível livrar-me desta terrível mania de roubar». Mas, se ele aceitasse a Cristo, poderia receber a Sua promessa: «Farei com que não roubes».

Muitos nunca compreenderam o lado positivo da vidra cristã. São cristãos de «lista». Olham para a lista dos Dez Mandamentos, de cima a baixo, e dizem: «Eu não cobiço nem roubo. Não mato. Não tomo o nome de Deus em vão. Não transgribo o Sábado nem permaneço em pensamentos imorais». Os cristãos de «lista» examinam cada um dos Dez Mandamentos e concluem: «A minha vida será certamente bem aceite por Deus no dia do julgamento».

O mancebo rico

«E eis que, aproximando-se dele um mancebo, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: Porque me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o mancebo: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda?». Mat. 19:16-20.

Eis aqui um exemplo de um cristão de lista. «Senhor, eu faço tudo isto», diz ele.

A este Jesus diz: «Se queres entrar na vida...». Por outras palavras: Se queres realmente viver, guarda os mandamentos. O mancebo tinha marcado na sua lista cada um destes pontos, de acordo com a sua vida. Ele estava certo de que era um cristão. Note-se agora o resto da conversação: «Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me». Versículo 21. Quando aceitamos Jesus como nosso

Advogado, algo acontece na nossa vida: desejamos dar-lhe o melhor que temos. E isto torna-se um modo de vida.

Cristo queria que este jovem se tornasse desinteressado e O seguisse. Este é o fundamento daquela grande lei de Deus pela qual seremos julgados. Quando os nossos nomes aparecerem diante do tribunal, a pergunta será: «Quanto dei eu de mim mesmo e dos meus bens a Deus?». Deus sabe quando fazemos o melhor que podemos. «Fui ou motivado pelo dever ou pelo amor?» O repto de Jesus em João 14:15 é: «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos». Jovem amigo, quando Jesus domina a nossa vida, não olhamos para a lei de Deus como uma lista, mas antes damos a Deus toda a nossa alma, corpo e espírito, os quais, de acordo com I Tess. 5:23. Ele deseja conservar irrepreensíveis até à Sua vinda.

Observemos como Tiago expõe este assunto em Tiago 2:10-12: «Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos. Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu pois não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei. Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade».

Quando tomamos Cristo como nosso Advogado, as nossas vidas podem ser resumidas nestas palavras: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que vivo agora na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim». Gál. 2:20. Isto é viver sob a lei da liberdade. E quando o nosso nome aparecer no tribunal do julgamento, à sua frente aparecerá escrito, no livro da vida: «Vida eterna dada a este, porque ele tem estado escondido em Cristo».

João expõe o assunto desta maneira: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo». I João 2:1. Eis aqui o objectivo perfeito: que não pequemos. Todos temos pecado, mas não somos deixados ao desespero: «Temos um Advogado», alguém que

defenderá o direito. O Seu nome é Jesus Cristo, o Justo.

Notemos agora como Deus tem tratado sempre com o problema do pecado desde o começo dos tempos. Quando Adão e Eva caíram, Satanás estava esperançado em que morreriam imediatamente. Isso permittr-lhe-ia levar a sua rebelião até aos outros mundos. Em Job 1:6,7, vemos: «E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles. Então o Senhor disse a Satanás: Onde vens? E Satanás respondeu ao Senhor, e disse: De rodear a terra, e passear por ela». Adão deveria ter sido o representante da terra naquele conselho celestial, mas, Satanás, o usurpador, tomou a autoridade de Adão quando este escolheu pecar.

Satanás avaliara abaixo do seu valor real, o amor de Deus, porque, em vez de Deus tirar a vida a Adão e a Eva, empenhou a Sua em lugar da deles. (Génesis 3:15). O tempo passa. A humanidade desce ao ponto mais baixo de degradação. Gén. 6:5 descreve-o assim: «E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente».

Mas um homem de fé foi encontrado: «Noé porém achou graça aos olhos do Senhor». Aqui estava na verdade um homem justo. Durante 120 anos Deus intercedeu pelos homens através da vida e da pregação de Noé. Um dia de julgamento aproximava-se. Cada um devia decidir. O terrível Dilúvio chegou, e apenas oito seres humanos, além de alguns animais e aves, escaparam àquela destruição medonha. Deus não destruiu ou julgou o mundo por causa do ódio que tinha ao Homem. Fê-lo a fim de conservar o homem, para tentar redimi-lo e para salvá-lo da destruição própria. Mas, depois do Dilúvio, a humanidade rumou outra vez na direcção do pecado.

Então Deus viu um outro homem de fé: um homem leal chamado Abraão. Gén. 25:4,5, relata a razão por que Deus escolheu Abraão e queria fazer dele uma grande nação. Abraão, não por dever, mas por amor, obedeceu à voz de Deus,

ouviu a Sua voz, guardou os Seus mandamentos, os Seus estatutos, as Suas leis. Com a formação da nação de Israel e quando esta começou a prosperar tanto em número como em bens materiais, outra vez, o Deus verdadeiro passou ao segundo plano nas suas vidas. E Deus permitiu que eles fossem escravizados.

Note-se como Deus operou em relação aos filhos de Israel durante longos anos, deixando-os repetidamente ir para o cativeiro por causa dos seus pecados, tentando assim despertá-los da sua letargia. Então Deus revelou a Daniel que 490 anos estavam determinados sobre o povo de Israel, para aceitá-Lo ou rejeitá-Lo. Como nação, rejeitaram-No, ao conduzir o Seu Criador e Salvador ao Calvário. O amor de Deus foi revelado uma vez mais através da súplica de Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem». «Luc. 23:34. Daniel não viu somente as 70 semanas proféticas, ou 490 anos, determinadas sobre a nação judaica, mas também a purificação do santuário, ou seja o trabalho do julgamento investigativo, que deveria começar em 1844.

Porquê um julgamento?

Precisa Deus de ter livros ou relatórios a fim de determinar quem deve salvar-se e quem deve perder-se? Não, este relatório não se destina a informar Deus. A razão está descrita em Romanos 14:11: «Porque está escrito: Pela minha vida, diz o Senhor: que todo o joelho se dobrará diante de mim, e toda a língua confessará a Deus». Estes

relatórios são feitos a fim de cada um de nós poder testemunhar da justiça de Deus. O universo inteiro poderá ver que nem um só erro houve na maneira como Deus tratou o problema do pecado.

Apocalipse 20:12 assegura-nos que todos estaremos de pé diante do trono do julgamento quando os livros forem abertos. Há três livros, através dos quais seremos julgados: primeiro, o livro dos mortos; segundo, o livro de memórias (Malaquias 3:16); e terceiro, o livro da vida (Apocalipse 20:12). Neste mesmo versículo é-nos dito que seremos julgados de acordo com as nossas obras. Seremos julgados pelas nossas palavras (Mat. 12:36-37), pensamentos (I Cor. 4:5), motivos (Prov. 16:2; I Sam. 16:7). Tudo o que está encoberto será revelado no julgamento (Eccles. 12:14).

Todos podem ser salvos

Poderemos perguntar: Como se fará isso? Como poderemos nós ser justificados? Como podemos ser salvos? Somente através do nosso Advogado Jesus Cristo. Isto é possível se cada um de nós estiver disposto a dizer hoje: «Cristo Jesus, vem viver dentro de mim e dominar o meu coração. Permite que as minhas decisões tenham a Tua e a minha preferência assim como trabalhamos e andamos juntos». Só assim o *vosso* e o meu relatório não serão vistos no julgamento, mas o relatório de Cristo que é o único relatório perfeito. Ali estão revelados os Seus motivos, não os nossos;

as Suas obras, não as nossas; as Suas acções, não as nossas; porque verdadeiramente o sangue de Jesus pode limpar todos os nossos pecados.

Não deixaremos que Jesus nos forme à Sua imagem? Quando a tentação nos assalta, lembremo-nos que a tentação não é pecado. É só quando cedemos à tentação que esta se torna pecado. Não estareis vós dispostos a ser vencedores, a fim de que, quando o vosso nome for chamado no julgamento, ou quando o fim das vossas vidas chegar, possa ser dito de vós: «Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres». João 8:36.

Jovem amigo, o que vês quando te miras ao espelho?

Passaste o teu mais perigoso e difícil [teste,
Se a imagem reflectida no espelho [é tua amiga.
Podes ter enganado o mundo inteiro [durante anos,
E recebido pancadinhas de amizade [à tua passagem;
Mas a última recompensa serão [dores e lágrimas,
Se enganaste a imagem reflectida [no espelho.

— Autor desconhecido

Reconheceis a natureza pecaminosa do homem reflectido no espelho? Então, sabendo que não podeis mudar-vos a vós mesmos, aceitai a promessa de Jesus para fazer essa mudança convosco e por vós. Permiti que Jesus vos liberte do pecado. Permiti que Cristo seja o vosso Advogado.

Sábado, 25 de Março

Cristo, a Vitória

Por Lawrence Nelson

A mais extraordinária celebração de uma vitória que esta velha terra jamais testemunhou terá lugar em breve. O universo celestial ecoará e re-ecoará com o louvor de Deus no clímax da maior controvérsia deste mundo. «Cristo, a vitória» será o tema dos redimidos através

da eternidade, porque Ele conquistou o pecado e a morte para todo o sempre. Reinará paz eterna.

Durante cerca de seis mil anos tem sido feita a preparação para esta gloriosa celebração de vitória. Com efeito, tudo começou, quando dois jovens, um homem e uma mu-

lhee, pecaram e se separaram de Deus. Imaginem comigo a experiência deste dia trágico, quando chegou aos céus a notícia de que o homem estava perdido e devia morrer sem esperança.

«Desgosto encheu os céus, quando se compreendeu que o homem

estava perdido e que o mundo que Deus tinha criado deveria encher-se de mortais condenados ao sofrimento, à doença e à morte, e não havia saída para o ofensor. Toda a família de Adão tem que morrer. Vi o adorável Jesus e contemplei sobre a Sua face uma expressão de simpatia e de dor. Em breve, vi que Ele se aproximava da luz extremamente brilhante que rodeava o Pai. Disse o anjo que me acompanhava: Ele conversa com o Seu Pai. A ansiedade dos anjos parecia intensa enquanto Jesus comungava com o Seu Pai. Três vezes foi Ele rodeado pela luz gloriosa, e, na terceira vez, quando saiu da frente do Pai, podia ver-se a Sua pessoa. A Sua face estava calma, livre de toda a perplexidade e inquietação, e brilhava com benevolência e doçura tais que palavras não podem descrever. Ele então informou os anjos de que uma saída tinha sido descoberta para o homem perdido. Disse-lhes que tinha intercedido junto do Pai e que tinha oferecido a Sua vida em resgate, tomado sobre Ele a sentença de morte, e que através d'Ele o homem podia encontrar o perdão. Que através dos méritos do Seu Sangue, e obediência à lei de Deus, podiam encontrar o favor de Deus, e ser trazidos ao lindo jardim e comer da árvore da vida». — *Spiritual Gifts*, vol. I, págs. 22,23.

Ao descrever o Filho de Deus, detalhadamente, como Ele obteria uma gloriosa vitória na redenção do homem, como Ele destruiria para sempre Satanás e todos os seus seguidores, e daria imortalidade tanto aos redimidos como aos anjos, foi ilimitada a alegria nos céus. Hinos de adoração cresceram até se tornarem num coro poderoso à volta do trono de Deus, e espalhou-se pelos espaços infínitos.

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que Nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna». João 3:16. Crêdes nestas palavras? Que gloriosa é a verdade de que Cristo é a nossa vitória!

Mas, como o diabo tem tentado mudar e destruir este maravilhoso plano da salvação! Tão bem sucedido foi ele nos seus primeiros esforços para encher o mundo de cor-

rupção moral que Deus se viu forçado a destruir o mundo pelo dilúvio.

Quando a terra emergiu das águas destruidoras, a verdade foi outra vez ensinada por Abraão e pelos que o seguiram. Uma vez mais Satanás tentou destruir o plano de Deus. Contrafações satânicas foram introduzidas pelo diabo nos cultos pagãos.

Através do culto do sol, milhões foram conduzidos do Filho de Deus para um ídolo. Imagens tomaram o lugar da adoração devida ao Criador. Um sistema de penitências e obras entrincheirou-se no mundo todo para desviar o homem da fé no Salvador. Um medo mortal de Deus e dos julgamentos do inferno manifestava-se em lugar do amor eterno d'Aquele que estava disposto a dar a Sua vida como resgate. O sistema de sacrifícios alterou-se de tal maneira que muitas vezes se ofereciam vidas humanas nos altares de Baal. O acto decisivo para destruir o último vestígio de fé nos mandamentos de Deus, foi finalmente atingido no desenvolvimento do Domingo, como dia de culto, implantado em vez do santo Sábado.

A história revela que a antiga igreja de Israel caiu nos sofismas de Satanás, mas um Deus amoroso continuamente enviou os seus profetas a fim de reconquistar os Seus escolhidos. Que conflito! As vozes do mal introduziram-se mesmo dentro do acampamento de Deus, seduzindo os dirigentes do povo de Deus.

Jesus falou assim deste conflito: «Ouvi ainda outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e cercou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe. E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro. Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo; e por último enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o her-

deiro; vinde, matemo-lo e apodere-mo-nos da sua herança. E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram». Mat. 21:33-39.

Depois de muitos séculos, as forças do mal conseguiram finalmente mergulhar a terra na sua hora mais negra. Nesta altura, Jesus entrou no mundo, sob a forma de um bebé, em Bêthlehem. Durante 33 anos seguiu-se o maior conflito jamais testemunhado pelos homens, ao enfrentar Jesus todas as tentações que o diabo pôde juntar. E Jesus venceu. Finalmente Jesus pagou o supremo sacrifício ao morrer na cruz por nós. Através da Sua morte, Cristo conquistou todas as praças fortes de Satanás. O próprio Cristo tornou-se o emblema vivo do universo, conhecido como «Cristo, a vitória». Agora, o Filho de Deus podia com justiça clamar: «E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amen. E tenho as chaves da morte e do inferno». Apo. 1:18.

Cristo encontrava-se agora em posição para voltar ao céu e continuar o Seu plano para a salvação completa do homem. Agora Ele podia interceder pessoalmente por nós junto do Pai. «Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles». Heb. 7:25.

Que alegria compreender que Jesus pode, de direito, representar-nos como o nosso próprio sumo sacerdote, capaz de cobrir todos os pecados da nossa vida com o seu sangue precioso! «Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno». Heb. 5:15,16.

«Cristo, a vitória» agora assume nova significação para os filhos de Deus, pois a nossa salvação pode ser obtida apenas através do sangue de Cristo. «É em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos». Actos 4:12.

(Continua na pág. 28)

4. **Apoc. 17:1-6 e 18.** Sentada sobre muitas águas, isto é, exerce poder despótico sobre muitos «povos» e «nações» (ver v. 15).

Prostituíram-se é palavra empregada aqui simbolicamente, referindo-se a uma aliança ilícita de professos cristãos com algum senhor que não Cristo, com a finalidade (neste caso), de fazer um pacto religioso-político entre uma igreja apostatada e as nações da Terra. Comp. com Isa. 23:15 e 17.

Deserto (v. 3) aqui quer dizer uma região não habitada, onde a vida só podia ser mantida com dificuldade e perigo. Alimento, abrigo, e talvez mesmo água eram difíceis de obter, e havia perigo de animais ferozes e talvez de salteadores. Consoantemente, alguns acham que a palavra “deserto”, quando usada simbolicamente, como aqui, signifique uma situação cheia de dificuldades e perigos, evidentemente para o povo de Deus. — SDABC.

8. **Apoc. 13:3, 4, 7 e 13-17.** **Ferida de morte.** Crêem os adventistas que esta predição teve o seu dramático cumprimento em 1798, quando Berthier, chefiando um exército francês, entrou em Roma, declarou terminado o papel político do papado, e levou preso o Papa, para a França, onde logo depois morreu (ver **O Conflito dos Séculos**, pág. 439). Entretanto, este incidente assinalou apenas o ponto culminante de uma longa série de acontecimentos. O declínio do poder papal começa muitos anos antes. O surgimento da Reforma Protestante foi, na longa série, um acontecimento significativo.

Foi curada. Houve um gradual reavivamento do papado nos anos que se seguiram à Revolução Francesa. O papado sofreu novo golpe quando, em 1870, lhe foram arrebatados os Estados Pontifícios. Acontecimento importante ocorreu em 1929, quando o Tra-

tado de Latrão restaurou ao papa o poder temporal, sendo-lhe dado o domínio da Cidade do Vaticano, parte da cidade de Roma. Entretanto, o profeta previu uma restauração muito mais ampla. Viu a ferida completamente curada. Em seguida, viu que adoravam o animal “todos os que habitam sobre a Terra”, excepto alguns poucos fiéis (v. 8; **O Conflito dos Séculos**, pág. 579). Isto está ainda no futuro.

Toda a Terra se maravilhou, isto é, maravilhou-se porque parecera incrível que o poder papal se pudesse refazer da sua ferida mortal. — SDABC.

Apoc. 16:13-16. No **Auxiliar** de Setembro do ano passado, lição 13, há excelente comentário, extraído do SDABC. É tão vasto o assunto tratado nesta lição, que é de todo impossível as exíguas páginas do **Auxiliar** ventilarem muitos pormenores. Recomendá-riamos a leitura do livro **Profecias do Apocalipse**, de Urias Smith. O compêndio escolar **Princípios de Vida**, no Cap. 68 e seguintes, traz excelentes subsídios.

12. **Apoc. 16:19.** **A grande cidade dividiu-se em três partes.** A Babilónia mística dos últimos dias compõe-se do papado, do protestantismo apostatado, e do moderno espiritismo. (Ver **Auxiliar** de Setembro de 1966, lição 13, comentário aos vs. 13 e 14). À voz de Deus (caps. 16:17; 17:17) esta união tríplice de organizações religiosas apóstatas, perde a sua coesão, unidade e poder de acção. Comp. com Habacuque 3:3-16. — SDABC.

13. **Apoc. 19:19-21.** **O falso profeta** (v. 20), isto é, o protestantismo apostatado, que é iludido por Satanás e com ele coopera. — SDABC. (Acentuamos que se trata do protestantismo apostatado, pois o original, ainda seguido por bom número de crentes, trouxe-nos grandes e preciosas verdades.